



VICTORIO, R. Chronos: música ritual e as possibilidades interpolativas da performance. In.: **Revista Diálogos (RevDia)**, Dossiê “Afinação em flores e frutos”, v. 5, n. 2, Edição comemorativa, 2017. [<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

CHRONOS

Música ritual e as possibilidades interpolativas da performance

Chronos: Ritual music and the interpolative possibilities of performance

ROBERTO VICTORIO



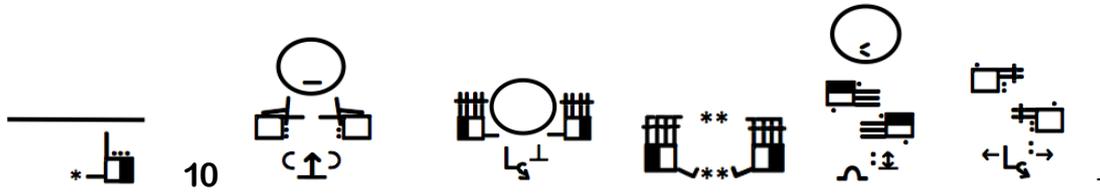
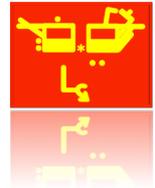
Possui graduação em violão pela FAMASF-Rio (1980), em regência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986), mestrado em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991) e doutorado em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003). Atualmente é professor associado e pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Composição Musical e

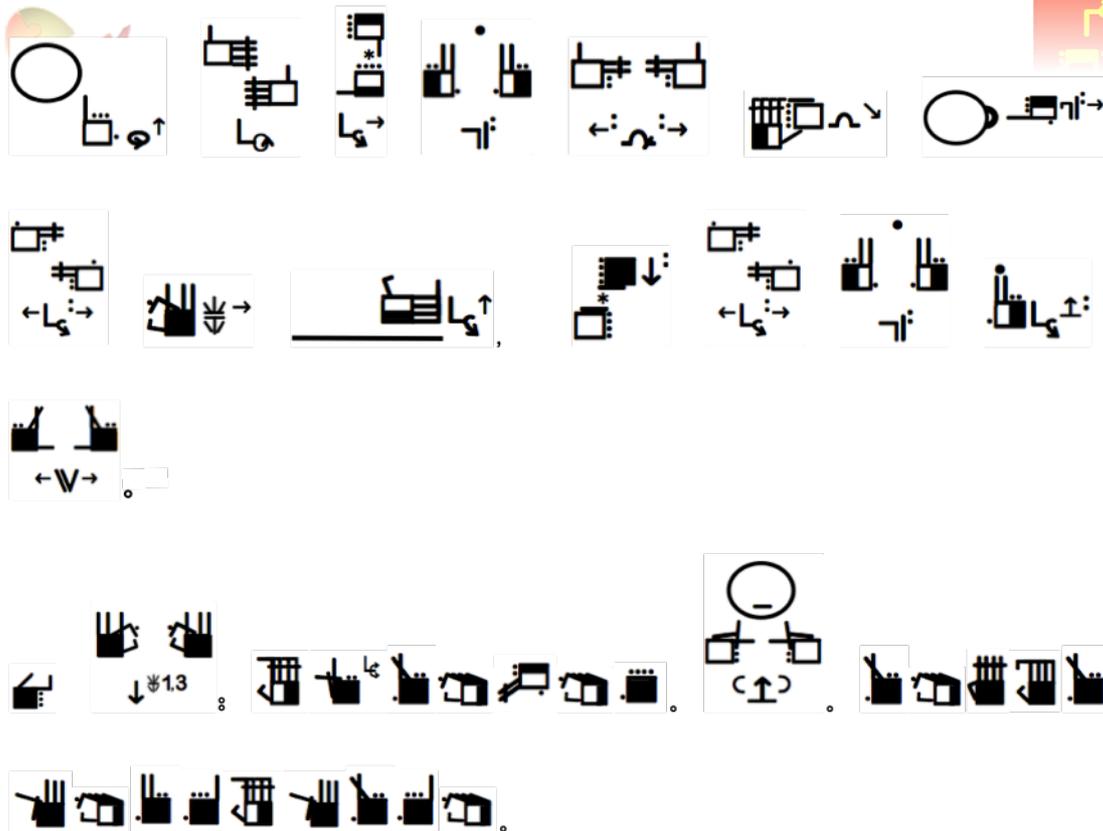
Regência, atuando principalmente nos seguintes temas: composição, regência, análise musical, etnomusicologia e estética musical.



Revista Diálogos.

Dossiê “Afinação em flores e frutos”, v. 5, n. 2, Edição comemorativa, 2017.





RESUMO: A série Chronos - como um ciclo de dez obras para diferentes formações instrumentais - e a tentativa de trazer ao mundo das sonoridades a volatilidade do conceito de tempo através da simbiose de notações e da interpolação entre o processo composicional e a prática ritual, como mecanismos de transcendência. O foco nas inúmeras variantes em Chronos IX para enfatizar esse processo de transposição perceptiva e as variantes sonoras que ocorrem em cada uma das versões, fazendo com que cada uma delas soe como uma obra nova.

PALAVRAS-CHAVE: Chronos. Composição musical. Roberto Victorio.

ABSTRACT: The Chronos series - a cycle of ten works for different instrumental formations - is an attempt to bring to the world of sonorities a volatility of the concept of time for symbiosis of notations and the interpolation between the compositional process and ritual practice, as mechanisms of transcendence. The focus on the numerous variants in Chronos IX emphasizes this process of perceptual transposition and as sound variants that occur in each of the versions, making each of them sound like a new work.

KEYWORDS: Chronos. Musical composition. Roberto Victorio.





O percurso binotacional que permeia todo o ciclo e estabiliza visualmente as partituras causa, além da instabilidade de fluxo no discurso sonoro (como continuidade), a possibilidade de diferentes performances pela relativização em inúmeros momentos; e o mais importante de tudo, a tentativa de se fazer perceber o translado do tempo-entidade à instância do tempo-atualidade exatamente pela ambiência volátil das notações.

Especificamente será focada a nona peça da série (*Chronos IX*) pelas inúmeras variantes que foram empregadas desde a instrumentação utilizada – para dois violoncelos – primordialmente no ciclo. Em verdade, o processo de escrita da peça, além do jogo notacional citado, está em consonância com minhas pesquisas etnomusicológicas sobre a etnia Bororo de Mato Grosso² e seu percurso ritual, especificamente o ciclo funerário e sua imensa gama de cantos complexíssimos que foram norteadores na formação da estrutura não só da obra que se tornou o arcabouço sonoro da pesquisa³ como também de diversas partes do ciclo de dez peças⁴. Ou seja, os meandros estruturais-sonoros do ciclo funerário Bororo e suas inúmeras ambiências que formam o arcabouço sonoro ritual dos cantos, com conexões instrumentais e vocais impressionantes a partir de texturas que surgem dessas conexões e que são simplesmente impossíveis de ser notadas, serviram de material para a confecção de inúmeros gestos durante a escritura da série e principalmente do *Chronos IX*, de forma invisível, de modo que texturas vocais e instrumentais, relações intervalares das performances dos cantos, ocupações tessiturais, simbiose de atmosferas nas emissões das flautas sagradas e invocações guturais condutoras dos cantos foram transplantadas à formação da estrutura da série *Chronos* e principalmente do *Chronos IX* e suas ampliações.

² Roberto Victorio “Música Ritual Bororo e o Mundo Mítico Sonoro”, livro lançado pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso. 2016.

³ Trilogia Bororo. CD gravado ao vivo com o Grupo Sextante e o Quarteto Aroe. 2016.

⁴ *Chronos*. CD e DVD do ciclo completo gravado em 2010.





1. *CHRONOS IX* - Estrutura e espaço tempo ritual

Em verdade, a escritura de *Chronos IX* se desenvolveu durante meu maior envolvimento com minhas pesquisas etnomusicológicas sobre a etnia Bororo de Mato Grosso e minhas idas a campo junto às duas aldeias da etnia: Meruri e Garças, em um período de quase quatro anos⁵. A percepção dos cantos que conduzem os rituais - e sua extrema complexidade em inúmeros momentos - define, de forma velada, uma teia incognoscível que liga o mundo mítico da etnia e os seres imemoriais com as definições de atuação de cada instrumento especificamente e cada canto; um viés invisível que é seguido à risca pelos feiticeiros e pelos chefes de canto no momento das performances.

O tempo-entidade redefine-se a cada performance-invocação pela competência do condutor do ritual, não só pela destreza na condução do mesmo mas também pela capacidade improvisatória que imprime durante o processo de atualização do tempo em instâncias sonoras (pelas variantes improvisativas vocais-instrumentais-estróficas); aldeístico (pela nova configuração do cotidiano da aldeia em função da cerimônia); e ritual (a partir da instauração de uma ambiência espiritual em todo o espaço

de atuação da aldeia com personagens absolutamente definidos na composição de um novo arcabouço espaço temporal).

Nesse sentido, foram definidos vários gestos que permeariam a estrutura do *Chronos IX* como motes definidores dimensionais, estabelecendo não só arcos de atuação da dupla notação mas também como delimitadores desses espaços internos, como fronteiras. O primeiro deles, e o mais marcante pela força da atuação das vozes, é o momento da invocação em aglomerados sonoros acoplados à tensão imprimida pelos trêmulos e pelas dinâmicas intensas, tal como nos momentos de

⁵ *Chronos V*, por exemplo, foi concluída na aldeia Meruri, em uma de minhas idas à campo durante o doutorado.





Os ataques livre-improvisativos em harmônicos e os ataques em trêmulos, defasados, estão em consonância com a atuação dos Aijes (espíritos terríveis) quando de suas aparições em um momento crucial do ciclo funerário quando vários Aijes, que são paletas de madeira giradas por um fio e conduzidas pelos atores que incorporam os terríveis espíritos, produzem sons de vento em diversas alturas de acordo com a dimensão de cada paleta.

As relações intervalares mater em *Chronos IX* (5ª justa e 2ª M), e que surgem em todos os gestos imprimidos, têm sua gênese nas ocorrências vocais/instrumentais dos cantos rituais, aliados a movimentos tessituraes ínfimos (1/4 e 1/6) que surgem das emissões instrumentais, criando um contraponto com a regularidade e a amplitude dos intervalos justos. Funcionam como um tecido simbiotizado entre a precisão da regularidade das floclações sonoras e a irregularidade dos espaços atomizados que circulam por todo o discurso sonoro, seja na funcionalidade da música ritual, seja na transposição dessa realidade para a música de concerto.

2. CHRONOS IX - variantes instrumentais

De toda a série, o *Chronos IX* foi a que teve mais variantes instrumentais. A versão original, para dois violoncelos – que foi dedicada aos irmãos Paulo e Ricardo Santoro e estreada por eles em minha defesa de doutorado – foi a que mais vezes teve montagens. No CD *Chronos* a gravação foi feita por mim e pelo violoncelista José Feguri, músico da Orquestra Sinfônica da UFMT.

Da versão original (que acabou sendo designada como *Chronos a*), houve uma ampliação para dois violoncelos, com o percurso original mantido, e um acoplamento de mais dois violinos, transformando-se em um quarteto de cordas não usual (*Chronos IX b*). Essa versão foi realizada devido a um grupo formado na UFMT, o Quarteto Letha, dirigido por mim,

Revista Diálogos.

Dossiê “Afinação em flores e frutos”, v. 5, n. 2, Edição comemorativa, 2017.





na qual montamos diversas obras dos alunos de composição, da graduação e do mestrado, escritas para essa formação. A versão seguinte (*Chronos IX c*) foi uma adaptação para um quarteto de cordas clássico, dois violinos, viola e violoncelo, visando à montagem e à estreia em um concerto que foi realizado no Departamento de Artes da UFMT.

A quarta versão (*Chronos IX d*), para dois violoncelos, marimba e piano, foi escrita para ser estreada em um concerto em Belo Horizonte, dentro do encontro anual da ANPPOM de 2016. Por motivos extramusicais, essa versão teve de ser abortada de última hora e acabei fazendo uma adaptação para dois violoncelos e piano (*Chronos IX e*) sendo essa versão estreada por mim, Elise Pittenger e Ana Claudia Assis no referido concerto. A última versão (*Chronos IX f*) foi escrita para incorporar a violonista Teresinha Prada em uma outra montagem na UFMT em um concerto do meu grupo Sextante, com a formação de violoncelo, violão, marimba e piano.

Dessa feita, realizamos o desmembramento de uma obra em seis versões instrumentais diferentes e com características absolutamente peculiares, de forma que cada versão soa quase como uma obra nova, não só pelas conexões tímbricas de cada formação mas ainda pelas ocupações espaciais empregadas em cada versão, pelas dilatações gestuais – principalmente nas versões com instrumentos harmônicos –, pelos acoplamentos de cada intervenção formando novos flashes e novos arcos sonoros, bem como pelas relações de superposições acordais bem diferenciadas em cada montagem.

3. CHRONOS IX – diferentes performances

As diferentes performances da versão original de *Chronos IX*, para dois violoncelos, foram marcadas por atuações bastante singulares, o que define a intenção da peça de se mostrar como nova a cada montagem, exatamente pela volatilidade de notações e solicitações aos intérpretes.

Revista Diálogos.

Dossiê “Afinação em flores e frutos”, v. 5, n. 2, Edição comemorativa, 2017.





Na estreia, em 2003, no concerto que antecedeu minha defesa de tese de doutoramento, o Duo Santoro passou dos seus próprios limites como músicos. Um Duo que estava ambientado com o repertório tradicional, e mesmo com o repertório brasileiro mais nacionalista, acabou incorporando o espírito da obra no que se refere aos momentos de utilização da voz e dos efeitos guturais, além de técnicas não usuais em seus instrumentos, um salto impressionante no que se refere ao desprendimento de ambos como intérpretes.

Outra montagem interessantíssima e que deve ser salientada foi a que realizei em 2014, com o violoncelista de Natal, Thiago Lucion, aluno do Programa de Pós-Graduação da UFRN, orientado pelo violoncelista Fabio Presgrave. Lucion focou suas pesquisas em duas obras minhas para violoncelo solo: *Aztlan* e *Chronos III*, e na reta final se deslocou para Cuiabá onde ficou alguns dias comigo para entrevistas finais, a fim de executar as obras, foco da pesquisa, para os últimos ajustes e para conversas sobre música, que foram fundamentais no intuito de compreender não só as intenções em cada obra estudada por ele, mas, e principalmente, para as explicações sobre o processo invisível que estrutura cada peça e mais ainda o *Chronos III* como parte integrante do ciclo.

Lucion ainda participou de um concerto com o meu grupo, Sextante, pois chegou na semana de uma das apresentações no Departamento de Artes. Desse modo, além de executar a obra *Aztlan* (minha primeira obra para violoncelo solo dedicada à Peter Schuback), ainda montamos juntos o *Chronos IX* para dois violoncelos, em que cada performance é uma iniciação pelo envolvimento exigido de cada performer. Nesse processo, cada gesto está conectado às ocorrências rituais Bororo, sejam sonoras, como intenção que envolve o percurso dos cantos; seja mesmo gesto-movimento, a partir das inflexões rituais imprimidas em momentos focais dos cantos, pelos feiticeiros.

Mais uma performance interessantíssima que podemos ressaltar foi a realizada por mim e Fábio Presgrave durante o ENCUN (Encontro





Nacional de Compositores Universitários) de 2014, realizado em Londrina. Ao final do último concerto, mais do que termos tocado juntos o *Chronos IX*, encarnamos a essência das realizações gestuais/rituais da etnia; as inflexões vocais contíguas ao ambiente ritual; bem como as realizações sonoras que brotam desse amálgama entre percurso composicional/pesquisa etnomusicológica, em uma só atmosfera.

As duas versões de cordas (*Chronos IX b* e *c*) são bem próximas como forma, apesar de grandes ampliações no que se refere a texturas durante o percurso da obra. Em diversos momentos, tanto na escrita proporcional quanto na relativa, os espaços são dilatados pela duplicação das intervenções que ocorrem nesse momento em quatro planos, além do acréscimo de elementos novos (saídos de gestos internos da obra.) que acabam compondo novas ambiências ao percurso mater da obra. Nas duas versões, pode-se observar um salto quantitativo no volume sonoro das inflexões vocais, claro que pelo duplicamento dos músicos, assim como pela criação de outras narrativas a cada intervenção; a cada arco sonoro.

A montagem seguinte do *Chronos IX*, na versão *Chronos IX e*, para dois violoncelos e piano, realizada em Belo Horizonte em 2016, mostrou-se a mais impressionante em termos de volume sonoro, pela exploração do piano como instrumento percussivo e como amálgama entre os dois violoncelos. Estruturas novas acordais, de ataques e de efeitos estendidos, foram criadas para o piano com a função de distorcer os referenciais estabelecidos da versão original, para dois violoncelos. Cada gesto dos cellos, com a memória binarrativa anteriormente estabelecida, é recomposto pelas informações do piano acopladas a essas informações, distorcendo-as ou fazendo com que a percepção se transfira para outro patamar, já distante do estabelecido “in natura”. Todos os momentos de ataque foram valorizados com a inserção das interferências do piano que multiplicaram as atmosferas estáveis - em momentos métricos que surgiram mais pujantes e incisivos com rítmicas e ocupação tessitural amplíssima, e instáveis - quando foram criados arcos voláteis e improvisativos na narrativa do piano com a intenção de diluir e, por





vezes, de ampliar as informações dos violoncelos, como informações simbiotizadas.



4. CONCLUSÃO

Cada versão criada na série *Chronos* partiu da tentativa de estabelecer um patamar cognoscível para a entidade que chamamos “tempo”. Uma tentativa de trazer ao mundo físico não só mais uma série de obras para diversas formações instrumentais (escritas bidimensionalmente em primeira instância) mas ainda criar um jogo notacional no arcabouço de cada uma delas e fazer com que a sua materialização como sonoridades, que se transmutam em música, seja um canal para o entendimento de temporalidades voláteis, exatamente pelas notações que se simbiotizam a cada momento durante o percurso de cada uma das peças da série.

Em todas as dez peças, e suas variantes, a preocupação com a busca de um ambiente volátil e extremamente contrastante, no que se refere ao trânsito binotacional, foi a tônica. Cada gesto estabelecido, cada arco definido, cada relação de ocupação tessitural utilizada e cada ambiente que é transferido para outra instância (ou atomizado, ou dilatado, ou sobreposto) obedece a uma ordem interna que visa à materialização das inúmeras leituras que podemos fazer – dentro de nossas amarras tridimensionais – do tempo, pelas interferências estabelecidas por meio das notações e do jogo entre elas no processo compositivo.

REFERÊNCIAS

Revista Diálogos.
Dossiê “Afinação em flores e frutos”, v. 5, n. 2, Edição comemorativa,
2017.





VICTORIO, R. **Site**. Disponível em www.robertovictorio.com.br.

VICTORIO, R. **Música ritual bororo e o mundo mítico sonoro**. Cuiabá: EduFT, 2016.

VICTOTIO, R. **Trilogia Bororo**. CD gravado ao vivo com o Grupo Sextante e o Quarteto Aroe. 2016.

VICTOTIO, R. **Chronos**. CD e DVD do ciclo completo gravado em 2010.

ANEXO I - **CHRONOS - série completa e variantes**

Chronos Ia - flauta e percussão múltipla

Ib - clarinete Bb e percussão múltipla

Ic - Sax soprano e percussão múltipla

Chronos IIa - flauta solo

IIb - flauta e eletrônica em tempo real

Chronos IIIa - violoncelo solo

IIIb - violoncelo e orquestra de cordas

IIIc - violoncelo e eletrônica em tempo real

Chronos IV - Clarone e percussão múltipla

Chronos V - marimba solo

Chronos VI - piano solo

Chronos VIIa - bandolim, clarone e violoncelo

VIIb - bandolim, clarone e viola

Chronos VIII - quarteto de flautas e flautas andinas

Chronos IXa - dois violoncelos

IXb - dois violoncelos e dois violinos

IXc - quarteto de cordas

IXd - dois violoncelos, marimba e piano

IXe - dois violoncelos e piano

IXf - violoncelo, violão, marimba e piano.

Chronos X - flauta e bateria

